

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Cenas culturais enquanto redes no estudo de juventudes subculturais contemporâneas

Ramona Antony

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17860>

Submetido em: 2026-09-01

Postado em: 2026-09-03 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

CENAS CULTURAIS ENQUANTO REDES NO ESTUDO DE JUVENTUDES SUBCULTURAIS CONTEMPORÂNEAS

RAMONA ANTONY/A 1

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-3710-0359>

ramona.atny.contato@gmail.com

PPGA - UFF. Niterói, Rio de Janeiro (RJ), Brasil

RESUMO: No presente trabalho me debruço sobre minha pesquisa com juventudes, desde minha monografia até o presente momento com minha pesquisa na rede denominada “cena” que constitui hoje o meu campo para debater sobre como é realizar uma pesquisa nesse contexto etnográfico, as implicações dessa posição limiar do etnógrafo como um modo de estar no campo e de fazer antropológico que chamo de “vivenciar” o campo. Para isso, trago o trabalho de Bruno Latour e Steven Woolgar em “A vida de laboratório” e a percepção sobre como o estudo antropológico da ciência envolveria uma pesquisa em rede, traçando um paralelo com o estudo das cenas culturais frequentadas pelas juventudes contemporâneas. Meu objetivo é trazer um novo olhar para um fazer antropológico junto das juventudes contemporâneas que estão envolvidas em ativismo político através, não só de formas tradicionais de organização, mas também da expressão artística e da organização independente desses movimentos pelos grupos que chamamos de “cenas”.

Palavras-chave: Juventudes, Cenas culturais, Conflito, Metodologia, Subculturas

CULTURAL SCENES AS NETWORKS ON THE STUDY OF CONTEMPORARY SUBCULTURAL YOUTH

ABSTRACT: In this paper, I draw on my research with youth, from my undergraduate thesis to the present, focusing on my ongoing research within the network referred to as the “scene,” which currently constitutes my ethnographic field. I seek to discuss what it means to conduct research within this ethnographic context, examining the implications of the ethnographer’s liminal position as a way of being in the field and of practicing anthropology, which I refer to as “living” the field. To this end, I engage with the work of Bruno Latour and Steve Woolgar in *Laboratory Life*, particularly their understanding of the anthropological study of science as involving research conducted through networks, drawing a parallel with the study of cultural scenes frequented by contemporary youth. My aim is to propose a new perspective on anthropological practice with contemporary youth involved in political activism, not only through traditional forms of organization, but also through artistic expression and the independent organization of these movements by groups that we refer to as “scenes.”

Keywords: Youths, Cultural Scenes, Conflict, Methodology, Subcultures

INTRODUÇÃO

Minha introdução aos estudos das juventudes pode ter-se dado em minha monografia sobre a subcultura Emo (2020), mas ela se aprofundou e ampliou o seu espectro à partir da minha etnografia no centro cultural Motim, onde trabalhei com o empoderamento feminino (2025). Desde essa pesquisa, meu campo se expandiu para toda uma rede onde o espaço que estudara

anteriormente foi apenas um nó. Essa rede é o que meus interlocutores denominam como “cena”, mais especificamente, aquela que eles e eu mesma estamos inseridos, que estamos “em cena” (Da Rocha, 2026).

Nesse campo, minhas questões apontam para diferentes dimensões que me chamam atenção, não apenas a dimensão subcultural dessa rede, mas quem são os atores que participam dela; quais espaços compõem os nós dela; o que a forte presença de identidades LGBT, principalmente trans-feminina e não-binária, nos diz sobre essa cena; e, não menos importante, minha própria metodologia e meu lugar no meu campo.

Aquelas que tem ocupado minhas reflexões são essas de caráter teórico-metodológico. Elas me trouxeram à uma reflexão sobre o meu próprio fazer antropológico em pesquisas com juventudes e, ao comparar com outras etnografias, inclusive do próprio programa de pós graduação onde curso doutorado, cheguei à percepção de que o que é colocado como uma antropologia implicada feita à partir de Niterói, ela também traz como característica uma forma específica de estar e se envolver com o campo, qual eu chamo atualmente de “vivenciar o campo”.

Para tratar sobre isso esses questionamentos e reflexões, me debruço sobre o trabalho de Bruno Latour e Steve Woolgar (1997), a conceitualização de “cenas culturais” e minha etnografia sobre empoderamento feminino para tratar sobre o que se trata fazer antropologia em um contexto como o de uma cena e sendo uma antropóloga, não só implicada, mas que passa a “vivenciar o campo”. Gostaria de começar trazendo um breve resumo do meu trabalho no centro cultural Motim, além de alguns questionamentos que surgiram após finalizar a pesquisa e que trago para minha etnografia atual.

1. MEU CAMPO NA MOTIM E MINHA IMERSÃO NA CENA

Minha pesquisa no centro cultural Motim percorreu entre os meses de setembro de 2023 e abril de 2024, sendo um ponto de encontro e apresentações de bandas independentes, principalmente daquelas dos gêneros musicais punk e hardcore. Além de apresentações, o espaço contava com feiras literárias, oficinas e festas. O fim das atividades no espaço foi abrupto e repentino, dando fim ao meu campo para essa etnografia, mas me jogando diretamente pra dentro do outro campo que eu já estava inserida e só percebi depois.

O local foi fundado no ano de 2016 por Letícia Lopes, conhecida como Lety, e Amanda Hawk. Diferentes sócias e organizadoras passaram pelo espaço, sendo a primeira aquela que esteve

presente desde o início. Tendo passado por diversos endereços, em 2020, ocorreu a mudança para o terceiro e último deles, no topo de uma íngreme rua no bairro de Vila Isabel, zona norte da cidade do Rio de Janeiro.

Sua proposta era a de ser um espaço voltado para o empoderamento e ocupação de mulheres e pessoas LGBTQIA+, enquanto pessoas que não pertenciam a esses grupos poderiam frequentar. Contudo, os próprios símbolos e condutas da equipe que fazia os eventos acontecerem quanto o público expressavam o código nativo de que, aquele ambiente, não era para esses outros grupos, ou, pelo menos, não era para eles serem os protagonistas. Por exemplo, no caso de grupos e projetos musicais que desejavam se apresentar, precisavam ter algum membro desses grupos.

A Motim, em seu último endereço onde realizei a pesquisa, era uma casa de três andares, protegida por um muro colorido, um portão para veículos que também era por onde o público e das bandas adentravam o espaço, e uma porta que permitia acessar o segundo andar, onde uma das sócias residia na época.

Figura 1: Último registro da fachada da Motim, em 12 de abril de 2024 (Fotografia digital)



Fonte: acervo pessoal, 2024

Meu objeto de estudo nesta pesquisa foi o processo de empoderamento das mulheres enquanto uma forma de resistência subcultural através do espaço pelo que foi conhecido como riot grrrl (Antony, 2025). Hoje, minhas questões se distanciam mais da discussão sobre subculturas e tem

se focado na dimensão das juventudes, suas formas de organização e participação em conflitos sociais, sem me distanciar das questões teóricas que venho trabalhando com minhas idas à campo e minhas pesquisas anteriores.

Retornando à minha dissertação, a primeira percepção que acabei tendo, já estando realizando minha pesquisa na cena que estou inserida, foi a que o próprio centro cultural e meus interlocutores estavam inseridos nessa cena, eram nativos dela e, mais relevante para essa discussão, eu acabei por me inserir mais profundamente nessa cena após o fim das atividades no espaço. Como apontado em minha dissertação, (2025), ao fim do campo, eu já era reconhecida como a “Ramona da Motim”, eu já participava dessa cena ao estar ligada ao espaço.

Hoje, minha posição nesse novo campo, a própria cena que estou inserida, minha ligação com o antigo centro cultural não tem tanta relevância. Acredito hoje que ele foi uma porta de entrada para ter um lugar nessa rede e poder percorrê-la, sendo reconhecida em diferentes espaços que frequento. Não posso me colocar como nativa, mas também, estou numa posição privilegiada para uma antropóloga que veio de fora desse campo e acabou participando da sua manutenção.

Uma outra forma de olhar esse posicionamento que temos em campo foi apresentada por Éden Da Rocha, em seu trabalho “Pesquisador em cena, ator em campo” (2026). Nele, o autor trata sobre duas diferentes formas de estar nesse campo: “estar na cena” e “estar em cena”. O primeiro, sendo apenas um espectador, um observador das atividades e eventos.

Já o segundo envolveria uma imersão muito maior, como ele aponta, onde já está participando da construção dessa comunidade. Aqueles que estão “em cena” seriam seus atores, que constroem e expressam através da arte, emoções e pertencimento, suas formas de ser e estar no mundo (Da Rocha, 2026). Da mesma forma que durante minha trajetória etnográfica no campo que compartilhamos, essa cena, me parece que o autor, nós acabamos por estudar, por perspectivas diferentes, essas mesmas juventudes que atuam.

2. JUVENTUDES E A CENA QUE CONSTITUI MEU CAMPO

Desde meu ingresso na pesquisa com diferentes juventudes (Antony, 2020), a categoria “cena” sempre se fez muito presente. Ela vem sendo utilizada para designar grupos ou organizações de pessoas ligadas a produtos e expressões culturais a muito tempo. Contudo, a percepção atual sobre essa forma de classificação vem principalmente do trabalho de Will Straw. Para o autor, cenas culturais não são apenas uma categoria utilizada para organizar formas de lazer no meio urbano, mas

conjuntos de atividades socioculturais cujas fronteiras não são definidas. Ademais, elas podem ser classificadas por sua localização, pelas formas de expressão culturais ligadas a ela ou pelas atividades ao redor das quais elas se organizam (Straw, 2005).

No momento, estou inserida justamente em uma rede que se aproxima à ideia de Straw de cena. Quando iniciei minha pesquisa no centro cultural Motim, não tinha a percepção de que estava me inserindo também na cena que aquele espaço e meus interlocutores faziam parte. Hoje, novos espaços compõem meu campo e novos interlocutores participam de minha pesquisa.

Minha maior surpresa foi como, a partir da expansão desse meu campo na minha pesquisa – saindo de um espaço físico cujas fronteiras eram definidas para a rede que é a cena – foi como a quantidade de interlocutores jovens. Com idades aproximadamente entre 20 e 24 anos, em sua maioria, moram com seus parceiros, são estudantes universitários ou parte do mercado de trabalho formal, além de estarem em cena (Da Rocha, 2026).

A partir do fim do centro cultural Motim, passei a frequentar eventos e atividades mesmo sem uma questão de pesquisa definida. Na maioria das vezes, acompanhava a banda Trash No Star em suas apresentações e observava toda a dinâmica nos diferentes espaços que estive à procura de algo que instigasse minha curiosidade antropológica. Além disso, passei a trabalhar como atendente no bar do estúdio Audio Rebel, no bairro de Botafogo, a convite de Letícia Lopes, que foi contratada para gerenciar a comercialização de alimentos e bebidas no local.

Essas experiências, embora não tenham sido por si trabalhos de campo, me deram a oportunidade de, não apenas ser reconhecida por cada vez mais interlocutores, como me distanciando do rótulo que havia sido aplicado a mim como “da Motim”. Muitos não sabem que eu sou antropóloga, que estudo juventudes nessa cena. Aqueles que tem conhecimento dessa informação são, em grande parte, aqueles que me conheceram durante minha etnografia sobre empoderamento feminino.

Quando meu olhar se voltou para as práticas culturais, os conflitos sociais e o ativismo político dessas juventudes, a cena se tornou oficialmente o meu campo e, pela minha participação constante nas atividades que vinham sendo realizadas, o papel e o meu lugar no qual meus interlocutores me colocaram já estava definido.

Para aqueles que não conhecem meu trabalho, eu seria apenas uma pessoa na cena. Contudo, além de ter uma agência reconhecida nos processos simbólicos inerentes do meu campo, o meu

trabalho enquanto antropóloga, trazendo visibilidade para as pautas desses interlocutores também é vista, por aqueles que sabem sobre o que eu pesquiso, como uma outra forma de participar, de estar “em cena”, embora não seja nativa do meu campo.

Minha presença nas atividades realizadas no meu campo acabou por seguir um padrão parecido com aquele que aconteceu no interior da Motim. O acolhimento que tive dos meus interlocutores não se tratou apenas de receber uma pesquisadora, mas de reconhecer que na minha atuação também estão presentes os ideais que regem as condutas, códigos e eventos nessa cena. Assim como em minha pesquisa anterior, o meu lugar no campo foi apontado para mim quando eu passei a ser categorizada como “da galera” ou “da Motim”, na cena isso se deu durante uma ida à campo em uma edição do Sociedade Sônica, evento realizado pelo coletivo Mídia Sônica.

Figura 2: “Punk Bitch”, por Júli Bezerra (Fotografia analógica).



Fonte: Acervo de Júli Bezerra, 2025.

Nesse dia, um de meus interlocutores, Júli Bezerra, veio me mostrar uma fotografia que havia tirado minha com uma câmera analógica meses antes durante um show no bar O pecado mora ao lado, na Praça da bandeira. Na imagem, eu visto uma camiseta rosa customizada por mim mesma com a frase “Punk Bitch”. Essa imagem acabou se popularizando ao ponto de que Júli estava vendendo um poster com a foto durante essa sociedade sônica. A partir desse momento, eu

compreendi que, embora ainda fosse uma antropóloga, embora não fosse nativa, eu era reconhecida como tal por meus interlocutores. Tendo em outras oportunidades sido colocada por terceiros como parte dessa cena.

Uma outra característica marcante do meu campo é a presença de pessoas LGBTQIAP+, em especial de pessoas Trans. Se minha pesquisa continuasse em direção aos processos de empoderamento, eu teria uma base sólida para compor uma pesquisa sobre como o empoderamento trans se dá nessa cena. Contudo, esse não é meu objetivo no momento, mas essa questão pode acabar voltando em minha pesquisa.

Essa cena é formada por atores que, de dentro dela, percorrem essa rede de espaços, formam coletivos político-culturais e realizam eventos, que tornam esse campo cada vez mais rico em dados antropológicos. Esses atores são justamente essas juventudes: meus interlocutores. Felizmente, minha pesquisa não é a única sendo realizada sobre essa cena na qual estou inserida. O trabalho de Éden Da Rocha foi realizado, não só no mesmo campo, como concomitantemente ao meu. Tendo eu estado presente e realizando minha pesquisa nos eventos que as rodas de conversa que o autor traz em seu trabalho (Da Rocha, 2026).

Figura 3: Éden Da Rocha (à esquerda) conversando com uma interlocutora após a roda de conversa do coletivo *Transgaze* no estúdio Audio Rebel (Fotografia analógica).



Fonte: acervo pessoal, 2025.

Um dos primeiros espaços que pretendo explorar mais profundamente é o Centro cultural marginal Fernando Calado, também conhecido como Barricada, que está localizado no centro de Niterói, no interior do prédio do diretório central dos estudantes da Universidade federal fluminense. Lá, participei de diferentes eventos como shows, ensaios abertos de bandas e oficinas de artes. Lá, interlocutores como Fran, Safira e Monica vem se fazendo presenças constantes. Em uma conversa com eles, me foi passada a impressão que o espaço teria propostas parecidas com a da Motim de ser um espaço atravessado pela dimensão do conflito e da resistência. O que não posso dizer, é se o centro cultural é atravessado por uma subcultura e qual.

Figura 4: Interior do espaço Barricada (Fotografia digital).



Fonte: acervo pessoal, 2026.

A dimensão da juventude se distancia também daquela qual trabalhei em minha pesquisa na Motim no sentido de um alargamento do que é juventude em idade, na qual eu trabalhei com uma juventude com idades maiores que a minha. Dessa vez, eu estou na posição oposta, sendo mais velha que a maior parte dos meus interlocutores. Tendo estabelecido o que seria uma cena cultural, o meu

campo e as juventudes que atuam e participam do seu discurso, gostaria de me atentar agora para uma outra pesquisa a partir da qual iremos dar continuidade à discussão que permeia este trabalho: a etnografia de Bruno Latour durante a década de 1970 em um laboratório científico.

3. VIVENCIAR O CAMPO ESTANDO “EM CENA”

O livro “A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos”, de Bruno Latour e Steve Woolgar (1979), tem sua questão central em como é feito um fato. Para isso, o primeiro autor realizou uma pesquisa de campo entre 1975 e 1977 em um laboratório de Neuroendocrinologia, na Califórnia, tendo pedido ajuda ao segundo para terminar a etnografia.

O ponto que me chama atenção neste trabalho é a ideia proposta sobre como a produção de fatos científicos ocorre por meio de uma rede, uma teia de relações que se articulam para produzir esses fatos, não só dentro do laboratório, como em vários outros espaços. O campo do livro seria apenas um ponto, um nó, nessa rede. Ou seja, que não trabalha sozinho, dependendo de terceiros, outros pontos dessa rede, como agências de financiamento, colaboradores externos em outros laboratórios e até equipamentos produzidos fora dele.

Mas então, o que teria de relação entre a Antropologia da ciência proposta por Latour e Woolgar (1979) e o estudo dessas estruturas que compõem o meu campo? Da mesma forma que os autores, percebo que a cena na qual estou inserida que compõe meu campo se trata justamente de uma rede por onde não são produzidos fatos, mas expressões culturais. No lugar de laboratórios, fábricas de equipamentos, cientistas ou auxiliares, temos outros pontos como espaços culturais, coletivos, atores da cena, bandas, artistas ou até mesmo público.

Participar e percorrer essa rede como a que compõe a cena, é possível através de um determinado método de coleta de dados cuja principal característica é a forma com que o antropólogo se relaciona com seus interlocutores e experiencia o campo. Para fins dessa discussão, chamemos ela de “vivenciar o campo”.

Na minha percepção, isso poderia ser colocado como a produção de uma antropologia cuja principal metodologia de coleta de dados que envolve um modo de estar específico em campo, uma relação e uma constância de contato com nossos interlocutores e com os espaços que constituem o campo o qual chamaria de “vivência”, ou vivenciar o campo. A escolha dessa palavra como categoria analítica para definir essa forma de estar e fazer campo não foi feita de ao acaso. Durante minha reunião com Lety Lopes para propor o que viria a ser minha pesquisa de campo no centro cultural

Motim, ela utilizou a palavra “vivência” para se referir ao que eu pretendia realizar no espaço. Possivelmente por não compreender especificamente o que compreenderia uma etnografia. Essa palavra acabou por ser a escolhida para definir o que veio a ser não só a metodologia que continuo aplicando em minha pesquisa na cena mas toda uma forma de pensar e fazer antropologia que estou praticando.

Uma antropologia vivenciada seria aquela produzida por um antropólogo que entrou em seu campo e, com o passar do tempo e das suas experiências, teria passado a ser colocado como aceito dentre seus interlocutores e como tendo agência sobre o próprio campo. Não estaria só presente e experienciando o campo, como seria parte dele, embora também não seja nativo.

Estaria, portanto, em um estado limiar entre eles e os pesquisadores totalmente externos, como Geertz em Bali ou Malinowski nas ilhas Trobrian. Ao atuar (Eden, 2026) e compor o campo, se tem acesso a dados cada vez mais profundos para coletar. Contudo, ainda não tendo acesso àqueles que só um nativo teria e também tendo construído dados diferentes daqueles de um observador participante que não é nativo do campo.

Uma questão que não saberia responder mas acho importante levantar é o caso na minha pesquisa de, ao vivenciar, encontrar outro antropólogo. Esse indivíduo seria, ao mesmo tempo, fonte valiosa de dados sendo ao mesmo tempo pesquisador e interlocutor. Contudo, é preciso diferenciar, num trabalho assim, a referência teórica do nativo. No meu caso, é diferenciar o Édén, interlocutor da cena, com Eden, cientista social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar junto às juventudes contemporâneas que participam de cenas culturais, como a qual estou inserida, envolve a compreensão de que o campo não é apenas um grupo de indivíduos, ideias e locais. Estudar em uma cena exige a compreensão de que estamos percorrendo uma rede onde cada ator, espaço, coletivo, banda, e quaisquer outros nós dessa rede, tem um papel para a manutenção da sua estrutura.

Da mesma forma que Latour e Woolgar (1997) apontam, quando realizamos uma pesquisa em rede, estudar em apenas um ponto dela tem suas limitações, sendo a principal delas que não podemos ter uma visão abrangente do que é essa rede a partir de um ponto. No caso da etnografia que venho realizando, essas limitações não se fariam presentes por estar justamente vivenciando meu

campo por todos esses ângulos, transitando entre os diferentes espaços e atores que se articulam enquanto estrutura da cena.

Para realizar uma pesquisa desse porte, acredito ser necessário não apenas uma imersão no campo, acompanhar os eventos, as atividades e o discurso das juventudes que são nossos interlocutores. Da mesma forma que diversos campos só estão abertos para serem estudados por aqueles considerados de confiança para adentrar naquele mundo, o que muitas vezes envolve o antropólogo ser um nativo, pesquisar em uma cena se torna um trabalho mais produtivo quando realizado por alguém que vivência tudo aquilo que faz parte dos processos culturais internos do campo proporcionam.

Em trabalhos posteriores, gostaria de me aprofundar na ideia de “vivenciar o campo” enquanto metodologia para o estudo de juventudes contemporâneas e a possibilidade de ser utilizada em outros contextos etnográficos. Por ora, participar dos processos sociais e culturais e ter agência sobre esses processos no nosso campo é o que diferencia essa abordagem de uma observação participante ou outras formas de coleta de dados no trabalho antropológico.

REFERÊNCIAS

ANTONY, Ramona. **Mulheres para dentro: uma etnografia do processo de empoderamento feminino no centro cultural Motim**. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Programa de pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, 2025.

ANTONY, Ramona. **Um estudo em preto, música e comunidade: uma análise subcultural da história do movimento emo**. Monografia (Bacharelado em Ciências sociais), Instituto de Ciências Sociais, Universidade do estado do Rio de Janeiro, 2020.

CALIFÓRNIA BRASILEIRA: O HARDCORE PUNK EM SANTOS 1991-1999. Rodiney Assunção; Wladimir Cruz. Brasil: Rodiney Assunção, 2017.

DA ROCHA, Éden Luís Couto de Figueiredo. **Pesquisador em cena, ator em campo: perspectivas etnográficas de uma cena cultural e política**. Monografia (Licenciatura em Ciência Sociais) Centro de ciências humanas e sociais, Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro, 2026.

LATOUR, Bruno. WOOLGAR, Steve. **A vida de laboratório: a construção social dos fatos científicos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

STRAW, Will. Cultural Scenes. **Society and Leisure**, Vol. 27, nº 2, Quebec, 2005. p. 441-422.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA: Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO: Esta pesquisa não recebeu nenhuma subvenção específica de qualquer agência de financiamento dos setores público, privado ou sem fins lucrativos.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE: A autora declara não haver conflitos de interesse.

DECLARAÇÃO DE USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: Não houve utilização de ferramentas de Inteligência Artificial.

MINIBIOGRAFIAS DA AUTORA DO PAPER: Doutoranda Antropologia no programa de pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA-UFF). Pesquisadora com foco em juventudes, conflitos sociais, cenas culturais, teoria e metodologia antropológica.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.